



**UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**  
**ADMINISTRATIVAS E CONTÁBEIS**  
**CENTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FEAC**

# **Texto para discussão**

Texto para discussão nº 09/2009

## **Características dos produtores de Leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste**

Marco Antonio Montoya  
Eduardo Belisário Finamore

# Características dos produtores de Leite do RS: uma análise a partir do Corede Nordeste

Marco Antonio Montoya<sup>1</sup>  
Eduardo Belisário Finamore<sup>2</sup>

## Resumos

O artigo, a partir de uma perspectiva regional, tem como objetivo caracterizar os produtores da matéria-prima leite do Corede Nordeste do Rio Grande do Sul em suas relações com o mercado que o circunda. Para isso, programou-se, uma pesquisa de campo com uma amostra de 190 produtores de leite. Verificou-se que o produtor desta região está trabalhando na atividade há 15 anos, apresenta um grau de escolaridade baixo e o manejo é exercido em 70,83% pelas esposas, inclusive o das receitas e despesas. Observou-se que as informações de manejo e gestão dos rebanhos recebidos pelos diversos agentes do mercado não são compatíveis com a necessidade de mercado que almejam. Finalmente, conclui-se que um dos principais problemas da produção é o preço do leite e a falta de crédito rural com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Esse fato constitui-se um empecilho para acelerar ainda mais o desenvolvimento do setor.

**Palavras-Chave:** Cadeia do leite, Características do produtor, agronegócio

## 1. Introdução

O conjunto de políticas nacionais de desregulamentação do mercado, de estabilização da economia e de abertura comercial, iniciadas no final da década de 1980 e consolidadas nos anos 2000 fez com que a cadeia Láctea brasileira passa-se, por mudanças estruturais profundas uma vez que essas políticas promoveram no setor: aumento significativo da produção de leite; concentração industrial com implicações nas cooperativas regionais; redução do número de produtores do mercado formal, principalmente pequenos produtores; preços diferenciados para os produtores; resfriamento na propriedade e ampliação da coleta

---

<sup>1</sup> Doutor em economia aplicada pela ESALQ-UPS. Professor Titular da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade de Passo Fundo -UPF.

<sup>2</sup> Doutor em economia aplicada pela Universidade Federal de Viçosa. Professor da Faculdade de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis da Universidade de Passo Fundo -UPF

do leite a granel, como estratégia para melhorar a qualidade do produto; crescimento do leite longa vida e, com ele, a dependência do mercado, não-concorrencial, da indústria de embalagens; maior participação do supermercado na distribuição do leite, e com ele, a maior dependência do mercado imperfeito, com grande poder de influência no preço e nas condições de pagamento; maior influência das importações no mercado doméstico de lácteos e aumento da concorrência em toda a cadeia de lácteos.

As mudanças estruturais na cadeia lácteos assinalam ganhos de produtividade na produção de leite natural em razão do maior grau de articulação com a indústria processadora. Não em poucos casos, os níveis de articulação chegam a uma integração vertical total, já que, por um lado, a indústria Láctea se integra para trás, controlando e coordenando a produção de leite natural e, por outro, os produtores de leite avançam para frente e industrializam sua produção, ou ambos os processos simultaneamente. Isto é, indicando uma dinâmica conjunta da produção agropecuária com as agroindústrias e, em decorrência, com os agrosserviços.

Nesse contexto, a cadeia Láctea gaúcha apresenta-se como um grande produtor de leite nacional e seu nível de competitividade o situam entre os mais eficientes produtores do país. Ela responde por pouco mais de 7% do PIB do agronegócio do Rio Grande do Sul, está fortemente vinculado ao setor urbano, detém processos produtivos modernos e seu desempenho, dados os fortes encadeamentos que apresenta com o setor urbano, são fundamentais como setor-chave para o desenvolvimento econômico do estado.

Frente a esses fatos, a fim de compreender melhores os agentes econômicos que envolvem as atividades do setor, o artigo, a partir de uma perspectiva regional de Conselhos Regionais de Desenvolvimento (Coredes), tem como objetivo caracteriza os produtores da matéria-prima leite do Corede Nordeste do Rio Grande do Sul em suas relações com o mercado que o circunda.

Nesse sentido, o artigo está dividido da seguinte maneira: a seção 2 apresenta, de forma sucinta, a metodologia e a base de dados utilizados; a seção 3 caracteriza o perfil do produtor de leite e avalia a expectativa de sucessão dos filhos na propriedade; a seção 4 analisa aspectos do mercado sobre a expectativa de preços, qualidade do leite, fontes de financiamento e fontes de informação ofertadas e demandadas; finalmente, as principais conclusões obtidas no decorrer das análises são apresentadas na última seção.

## **2. Metodologia**

Com o objetivo de estabelecer um perfil do segmento de produtores da cadeia leiteira do Corede Nordeste foram coletados dados, em pesquisa de campo, de uma amostra de 190

produtores de leite. A amostra cobriu todos os municípios que produziam mais de 2% da produção de leite nesta região, segundo dados da Pesquisa da Pecuária Municipal do IBGE. A amostra foi dividida de acordo com a participação de cada município na produção do Corede Nordeste, conforme a Tabela 1. Por exemplo, 15,43% dos entrevistados estavam localizados no município de Lagoa Vermelha.

**Tabela 1: Plano amostral da pesquisa no Corede Nordeste**

Cidade	Leite (mil litros)	DA	Amostra	vaca/rebanho
Lagoa Vermelha - RS	16.424	15,63%	30	15,92%
Sananduva - RS	10.845	10,32%	20	23,23%
Tapejara - RS	10.699	10,18%	19	48,39%
Ibiraiaras - RS	9.231	8,78%	17	28,91%
São José do Ouro - RS	7.093	6,75%	13	17,25%
Ibiaçá - RS	6.005	5,71%	11	28,45%
Água Santa - RS	5.608	5,34%	10	34,24%
Paim Filho - RS	5.569	5,30%	10	26,76%
Vila Lângaro - RS	5.431	5,17%	10	47,13%
Santa Cecília do Sul - RS	5.343	5,08%	10	43,03%
Cacique Doble - RS	4.876	4,64%	9	17,47%
São João da Urtiga - RS	4.795	4,56%	9	28,91%
Maximiliano de Almeida - RS	4.455	4,24%	8	21,38%
Barracão - RS	3.834	3,65%	7	6,80%
Machadinho - RS	3.181	3,03%	6	5,05%
Muitos Capões - RS	1.690	1,61%	3	15,79%
<b>Total</b>	<b>105.079</b>	<b>100,00%</b>	<b>190</b>	

Fonte: Dados da pesquisa

A seguir, a amostra de um município foi dividida em estratos de produção, de acordo com a distribuição da produção de leite. Foram definidos dois sistemas de produção (sistema semiconfinado e sistema a pasto), com base em informações do Ministério da Agricultura, Embrapa e trabalhos de autores e organizações gaúchas e neles foram estabelecidos três estratos de produção (produção média de 50, 150 e 350 litros). Os resultados desses procedimentos são apresentados nas Tabelas 2 e 3.

**Tabela 2: Estratos de produção e sua participação na produção total de leite – média do RS**

Extrato	SC	AP	Total
Até 100	20,58%	18,43%	39,02%
De 100 a 200	15,15%	11,73%	26,88%
+ de 200	21,15%	12,95%	34,10%
Total	56,89%	43,11%	100,00%

Fonte: Dados da pesquisa

**Tabela 3: Distribuição dos questionários da amostra por extrato de produção**

Extrato	SC	AP	Total
Até 100	39,00	35,00	74,00
De 100 a 200	29,00	22,00	51,00
+ de 200	40,00	25,00	65,00
Total	108,00	82,00	190,00

Fonte: Dados da pesquisa

A aplicação dos questionários aos produtores foi feita no período de junho de 2006 a Janeiro de 2007. Os dados levantados referem-se ao ano de 2006. Os questionários foram aplicados por um entrevistador devidamente treinado e os produtores foram entrevistados em suas propriedades, de modo que o entrevistador pudesse avaliar as respostas dadas.

## **2.1 Sistemas de produção representativos**

A seguir apresenta-se a definição dos sistemas de produção representativos dos produtores. Isto é, partiu-se da produtividade para classificar os sistemas de leite segundo o nível tecnológico utilizado.

### ***Sistema de Produção Semiconfinado***

Entende-se por sistema semiconfinado aquele no qual os animais ficam confinados com disponibilidade de alimentos e água e, em determinados momentos do dia, são levados a pasto, dependendo do sistema de manejo adotado. A alimentação básica é silagem de milho, sorgo e feno de boa qualidade, pré-secados de aveia e azevém e os concentrados são farelos e grãos. No sistema semiconfinado, o pastoreio é rotativo, em pequenas áreas, com uso de cerca elétrica, ou divisórias fixas, e o pastejo é realizado de 1 a 2 dias em cada área ou piquete. A alimentação é administrada em cochos, sendo à base de fenos, silagens, resíduos de colheitas, subprodutos agroindustrial (como melaço) e alimentos balanceados.

### ***Sistema de Produção a Pasto***

Já o sistema a pasto é aquele em que mais de 50% da matéria seca (MS) da dieta do animal vêm do pastejo. Esse sistema caracteriza-se pelo uso de suplementação, ou não, de forragens, conservadas, tais como silagem, feno, pré-secado e concentrados. Como no sistema semiconfinado, os animais ficam em pastoreio rotativo em piquetes com divisórias permanentes ou cercados eletrificados. No entanto, para produções entre 12 e 15 kg de leite por vaca/dia em pastagens tropicais, é necessário suplementar os animais com forragens conservadas de alto valor nutritivo e compostas de concentrados protéicos e energéticos. A produção de leite a pasto necessita de menos mão-de-obra, equipamentos e máquinas.

### **3. O perfil do produtor de leite e sua expectativa de sucessão na propriedade**

O produtor de leite do Corede Nordeste, conforme a Tabela 4, tem idade média de 48,34 anos, próxima da idade de outros produtores de estados tradicionais na produção de leite, como Minas Gerais, que é de 50 anos. Em média, o produtor desta região está trabalhando na atividade há 15,1 anos. O elevado capital investido, de baixa liquidez, imobiliza o produtor na atividade leiteira, razão por que ele permanece nela por tantos anos.

A escolaridade é de 4,92 anos, variando de 4,32 anos, no estrato até 50 litros/dia, a 5,80 anos, no de mais de 200 litros/dia (Tabela.4), ou seja, a escolaridade em todos os estratos é baixa, o que dificulta ainda mais o processo de inovação tecnológica.

Conforme 98,84% dos entrevistados (Tabela 3.9), a esposa em 70,83% dos casos executa na produção de leite a ordenha, o manejo do rebanho e o controle de receitas e despesas são observados.

A elevada frequência do trabalho da esposa na produção de leite contribui para reduzir ainda mais o custo de produção, visto que o custo de oportunidade dessa mão-de-obra é próximo de zero.

**Tabela 4: Perfil do Produtor de leite do Corede Nordeste**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Idade do produtor (anos)	45,27	50,04	48,10	48,56	48,34
Tempo em que é produtor de leite (Anos)	14,4	15,2	16,1	14,5	15,1
Escolaridade do produtor (anos de escola)	4,32	4,55	4,81	5,80	4,92
Frequência em que a esposa executa ordenha, registro de despesas e receitas e administração da propriedade rural	76,92%	71,74%	70,00%	68,33%	70,83%
Percentual de tempo destinado à pecuária de leite	22,76%	28,44%	30,23%	32,55%	29,57%
Controles informatizados na propriedade	0,00%	2,13%	1,64%	4,69%	2,53%
Propriedades que fazem registros de despesas e receitas com gado de leite	38,46%	57,45%	52,46%	54,69%	52,53%
Propriedades que registram metas de produção de leite	100,00%	66,67%	72,73%	66,67%	70,00%
Propriedades que registram metas de produtividade do leite	0,00%	33,33%	27,27%	33,33%	30,00%
Atividade mais importante na propriedade que existe produção de Leite do ponto de vista econômico (Pecuária de Leite)	53,85%	74,47%	85,25%	84,38%	78,28%

Fonte: Pesquisa de Campo.

A distribuição do tempo do administrador dá uma boa idéia da importância relativa das atividades na propriedade. No estrato até 50 litros/dia, 22,76% do tempo do administrador é dedicado à pecuária de leite. No outro extremo, no estrato de mais de 200 litros/dia, 32,55% do tempo do administrador é dedicado à pecuária de leite (Tabela 4). O que se observa é que a dedicação às atividades da propriedade agrícola são similares entre os estratos onde a produção de leite é relativamente mais importante para o estrato de maior produção, e menos importante para o de menor.

Apesar de dedicarem a maior parte do tempo em outras atividades, do ponto de vista econômico, em média, a maioria dos entrevistados (78,28%) dos entrevistados afirmaram que, dentre as atividades agrícolas que realizam, a pecuária de leite é a mais importante.

Um dos parâmetros para se avaliar a qualidade da administração de uma empresa diz respeito aos controles por meio de registros apropriados. No caso da produção de leite, controles zootécnicos e financeiros.

Os resultados da Tabela 4 indicam que apenas 2,53% dos entrevistados possuem controles feitos por computador, sendo que a maioria (96,46%) mantém registros escritos de forma manual.

Conforme a Tabela 4 as anotações de receitas e despesas com o gado de leite são feitas por apenas 52,53% das propriedades entrevistadas, revelando um baixo grau de profissionalismo. A maioria dos produtores de até 50 litros dia (61,54%) não faz nenhum tipo de registro de suas operações financeiras.

Por outro lado, dos produtores que estabeleciam metas, 70% deles focavam a produção de leite e 30% a produtividade. Nenhum produtor citou como meta as variáveis de receita, despesas e qualidade. Observa-se que quanto maior a produção de leite maior foi às preocupações com metas de produtividade.

A produção de leite do Corede Nordeste é tipicamente familiar, razão pela qual 98% dos entrevistados não contratavam mão-de-obra permanente. Somente foram observadas contratações para os produtores com produção superior a 100 litros dia. Pode-se dizer que as relações de trabalho do pequeno produtor eram familiares, enquanto as do grande produtor apresentavam conotações capitalistas.

Segundo Gomes (2005), por um lado, a quase totalidade de uso de mão-de-obra familiar pelos estratos de menor produção contribui para reduzir os custos de produção e, por conseqüência, para obter menor preço de sobrevivência, modelos de produção que mais resistem a uma situação de preço baixo do leite. Por outro lado, são modelos de baixa capacidade de resposta aos estímulos do mercado, razão por que a participação desses modelos na produção total tende a reduzir. Os modelos de produção capitalistas requerem maior preço de sobrevivência, porém têm maior capacidade de resposta aos estímulos de mercado, razão pela qual a participação desses modelos na produção total tende a aumentar.

Questionado sobre a sucessão na gestão da atividade leiteira, 58,08% acreditam que os filhos continuarão com o gado de leite e 23,74% acham que os filhos deixarão o meio rural migrando para a cidade (Tabela 5).



**Tabela 5: Opinião sobre a sucessão na atividade de leite na propriedade**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Filhos continuarão com o gado de leite	34,62%	57,45%	62,30%	64,06%	58,08%
Filhos trocarão de atividade rural	7,69%	4,26%	3,28%	0,00%	3,03%
Filhos deixarão o meio rural	38,46%	21,28%	26,23%	17,19%	23,74%
Filhos venderão a propriedade	7,69%	4,26%	1,64%	1,56%	3,03%
Não sabem dizer	7,69%	10,64%	0,00%	10,94%	7,07%
Não tem filhos	3,85%	2,13%	6,56%	6,25%	5,05%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

#### 4. Relações do produtor com o mercado.

Ao examinar os dados da Tabela 6, verifica-se que 62,63% dos entrevistados concordavam com um sistema de pagamento de leite-padrão mais bonificação por volume. O grau de concordância com esta regra é maior quanto maior o estrato de produção de leite. 53,85% dos produtores de até 50 litros/dia não concordavam com o pagamento por volume.

A grande frequência de produtores que não concordavam com tal sistema de pagamento é decorrente da elevada sazonalidade de produção, o que se observará mais adiante. Entretanto, o produtor do Corede Nordeste deve tomar conhecimento da tendência estadual de pagamentos por produção e deve ajustar seu sistema de produção a essa tendência.

O pagamento de bonificação por qualidade obteve aprovação de 96,46% dos entrevistados, opinião homogênea em todos os estratos.

Para o pagamento de preço diferenciado por qualidade do leite, os indicadores mais frequentes são contagem de célula somática e contagem bacteriana total. A aplicação desses critérios ainda não está generalizada e uma das justificativas é a dificuldade laboratorial na realização dos testes. Todavia, a prática de pagamento pela qualidade deve ser abrangente nos próximos anos, já que esta é uma exigência do mercado. As indústrias, para obterem vantagens na competição com seus concorrentes, procuram diferenciar seus produtos, razão por que a qualidade da matéria-prima é essencial.

Deve-se registrar que a adoção da bonificação pela qualidade depende, exclusivamente, da indústria de laticínios, pois o produtor tem pouco poder de influenciar na adoção desse e de outros critérios de pagamento do leite.

Embora a maioria concorde com o pagamento por qualidade é provável que a contagem bacteriana total seja elevada, o que implicará penalizações ao produtor, quando o critério de pagamento por qualidade for praticado. Alguns produtores alegam que produzem com qualidade, mas o leite é misturado no caminhão com leite de baixa qualidade.

O resfriamento do leite na propriedade é condição necessária, porém não suficiente, para assegurar a qualidade do leite.

**Tabela 6: Opiniões dos entrevistados sobre pagamento do leite-padrão**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Concorda o pagamento do leite-padrão, mais <b>bonificação por volume</b>	46,15%	36,17%	70,49%	81,25%	62,63%
Concorda o pagamento do leite-padrão, mais <b>bonificação por qualidade</b>	96,15%	97,87%	98,36%	93,75%	96,46%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Dificuldades de acesso ao crédito rural e deficiências na orientação técnica são as justificativas mais citadas para melhoria da qualidade do leite. Acredita-se que as maiores limitações estejam associadas à orientação técnica dada ao produtor e as seus empregados, porque a maioria dos entrevistados possui resfriadores na fazenda, o que reduz a exigência com o crédito rural.

Quanto ao uso do crédito rural, 75,25% dos entrevistados responderam que fizeram uso do crédito rural em suas propriedades (Tabela 6). Os produtores com maior nível de utilização de crédito são os com produção entre 100 e 200 litros/dia. Para a maioria deles a principal fonte de crédito são os bancos (Tabela 3.74), e a principal utilização é para custeio, seguido pelos investimentos.

**Tabela 6: Utilização de crédito rural, fontes e tipos de financiamento.**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Propriedade que utiliza crédito rural	73,08%	74,47%	86,89%	65,63%	75,25%
Fonte de cooperativa de crédito	42,11%	44,12%	43,14%	40,48%	42,47%
Fonte de Bancos	57,89%	55,88%	47,06%	52,38%	52,05%
Fonte Ambos	0,00%	0,00%	9,80%	7,14%	5,48%
Financiamento de Custeio	73,68%	60,00%	45,28%	47,62%	53,02%
Financiamento de Investimento	15,79%	14,29%	22,64%	30,95%	22,15%

Fonte: Pesquisa de Campo.

#### 4.1 Opinião do entrevistado sobre produção de leite

Quando questionados sobre as razões que os levam a produzir leite, 68,18% dos entrevistados afirmam que se deve à renda mensal; 24,75%, porque é um negócio lucrativo; 6,06% porque o leite combina bem com outras explorações da propriedade e, 1,01% por emprega a família, segundo dados da Tabela 7.

**Tabela 7: Razão do entrevistado para produzir leite, segundo estratos de produção.**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Tem renda mensal	73,08%	72,34%	68,85%	62,50%	68,18%
É um negócio Lucrativo	26,92%	21,28%	22,95%	28,13%	24,75%
Combina com outras explorações na propriedade	0,00%	6,38%	8,20%	6,25%	6,06%
Emprega a família	0,00%	0,00%	0,00%	3,13%	1,01%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Um aspecto da opinião do produtor sobre a produção de leite diz respeito à relação entre risco e rendimento. Uma regra básica do mercado financeiro, que pode ser expandida para outros mercados, indica que o elevado rendimento está associado a elevado risco e baixo rendimento, a baixo risco. A produção de leite é considerada uma atividade de baixo risco, razão por que atrai muitos produtores, mesmo que não seja considerado um negócio lucrativo pela maioria dos entrevistados.

Quando perguntados sobre o que pretendem nos próximos anos com a produção de leite, as respostas mais citadas são: melhorar a tecnologia e aumentar a produção, 58,59% dos

entrevistados; e continuar como está, 37,88%, segundo dados da Tabela 8. Apenas 3,54% responderam que pretendem abandonar a atividade. A aparente contradição entre a baixa lucratividade e aumento da produção pode ser explicada pela importância do baixo risco da produção de leite e pela percepção de ganhar mais com o aumento da escala de produção.

**Tabela 8: Frequência com que os entrevistado pretendem, nos próximos anos, produzir leite, segundo estratos de produção**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Melhorar tecnologia e aumentar a produção	65,38%	57,45%	54,10%	60,94%	58,59%
Continuar como está	26,92%	42,55%	40,98%	35,94%	37,88%
Abandonar a atividade	7,69%	0,00%	4,92%	3,13%	3,54%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Finalmente, na questão sobre o principal problema da produção de leite, excluído o preço do leite, que não entrou na lista das alternativas, a maior frequência de citação é a falta de crédito rural com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira, 54,26% dos entrevistados; seguida de deficiências de informações técnicas, 22,87%; por deficiência de informação de mercado, 17,02% (Tabela 9). A deficiência de qualificação da mão-de-obra e problemas de legislação ambiental foram citados por 5,85% dos entrevistados.

**Tabela 9: Opinião sobre o principal problema relativo à produção e preço do leite.**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Falta de credito rural, com taxas de juros compatíveis com a atividade.	72,73%	63,04%	50,82%	44,07%	54,26%
Deficiência de informações técnicas sobre a produção de leite	13,64%	15,22%	22,95%	32,20%	22,87%
Deficiência de informações de mercado	9,09%	17,39%	21,31%	15,25%	17,02%
Deficiência na qualificação da mão de obra	0,00%	2,17%	3,28%	6,78%	3,72%
Legislação ambiental	4,55%	2,17%	1,64%	1,69%	2,13%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Questionados sobre o conteúdo das informações (Tabela 10), os entrevistados responderam que as três principais são: primeiro, manejo do rebanho (24,32%), seguido por gerenciamento da produção (19,46%) e por alimentação do rebanho (17,84%).

Ao serem questionados sobre o conteúdo das informações acerca da produção de leite que julgam ter mais carência (Tabela 11), responderam, em ordem de importância, manejo do rebanho (28,88%), mercado do leite (19,79%), planejamento da empresa rural (16,04%) e cálculo do custo de produção do leite (14,44%).

**Tabela 10: Principal fonte de informação recebida sobre a produção de leite**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Manejo do rebanho	29,17%	30,23%	15,52%	26,67%	24,32%
Gerenciamento da produção	29,17%	18,60%	20,69%	15,00%	19,46%
Alimentação do rebanho	20,83%	13,95%	13,79%	23,33%	17,84%
Qualidade do leite	12,50%	9,30%	17,24%	5,00%	10,81%
Melhoramento genético	4,17%	9,30%	12,07%	11,67%	10,27%
Produção de leite e meio ambiente	4,17%	6,98%	8,62%	10,00%	8,11%
Sanidade do rebanho	0,00%	11,63%	12,07%	3,33%	7,57%
Outros	0,00%	0,00%	0,00%	5,00%	1,62%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

**Tabela 11: Principal informação que o produtor tem mais carência**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Manejo do rebanho	18,18%	44,44%	23,73%	26,23%	28,88%
Mercado de leite	22,73%	24,44%	18,64%	16,39%	19,79%
Planejamento da empresa rural	40,91%	6,67%	18,64%	11,48%	16,04%
Cálculo do custo de produção	4,55%	11,11%	16,95%	18,03%	14,44%
Alimentação de rebanho	13,64%	0,00%	10,17%	14,75%	9,63%
Qualidade do leite	0,00%	6,67%	6,78%	4,92%	5,35%
Melhoramento genético	0,00%	6,67%	3,39%	1,64%	3,21%
Sanidade do rebanho	0,00%	0,00%	1,69%	3,28%	1,60%
Produção de leite e meio ambiente	0,00%	0,00%	0,00%	3,28%	1,07%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

**Tabela 12: Julgamento sobre a qualidade das informações que recebe**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Boas	92,31%	70,21%	81,97%	75,00%	78,28%
Regular	7,69%	29,79%	18,03%	25,00%	21,72%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

**Tabela 13: Avaliação dos efeitos da capacitação da mão de obra**

Especificação	Estratos Produção de Leite (litros/dia)				
	Até 50	51 a 100	101 a 200	Acima de 200	Média
Contribui para melhorar a rentabilidade da produção de leite	42,31%	27,66%	39,34%	53,13%	41,41%
Não contribuiu para mudanças significativas na produção de leite	30,77%	34,04%	26,23%	26,56%	28,79%
Contribui para aumentar a produtividade do rebanho (litros/vaca)	15,38%	17,02%	16,39%	10,94%	14,65%
Contribui para melhorar a qualidade da mão de obra	3,85%	8,51%	8,20%	4,69%	6,57%
Contribui para melhorar a qualidade do leite	7,69%	12,77%	9,84%	4,69%	8,59%
Total geral	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%	100,00%

Fonte: Pesquisa de Campo.

Ao cruzar os dados da Tabela 10, que tratam do conteúdo das informações ofertadas, com o da Tabelas 11, que tratam do conteúdo das informações demandadas, verifica-se que a oferta está concentrada nas questões tecnológicas e a demanda, nas financeiras. A Tabela 10 mostra 19,46% dos entrevistados afirmaram que as informações recebidas pelos produtores foram sobre gerenciamento da produção. Já a Tabela 11 mostra que informações sobre o mercado de leite, planejamento da empresa rural e cálculo do custo de produção são considerados escassos por 50,27% dos entrevistados.

O ideal seria um balanceamento da oferta, com questões tecnológicas e outras financeiras. Aliás, o produtor só será beneficiado com informação do tipo planejamento da empresa rural, custo de produção e funcionamento do mercado se, antes disto, receber informações objetivas e apropriadas sobre a tecnologia do sistema de produção de leite. O técnico, para ter competência sobre assuntos econômicos, deve, antes, dominar as questões tecnológicas.

Para 78,28% dos entrevistados a qualidade das informações que recebem são classificadas como boas e para 21,72% são regulares (Tabela 12).

Conforme a Tabela 13, ao serem questionados sobre os efeitos da capacitação da mão de obra na atividade leiteira, 41,41% deles disseram que contribui para melhorar a rentabilidade da produção de leite e 14,65% disseram que contribui para aumentar a produtividade do rebanho (litros/vaca).

Interessante observar que para 28,79% dos entrevistados a capacitação de mão de obra não contribuiu para mudanças significativas na produção de leite

### **Considerações Finais**

O objetivo deste artigo foi de caracterizar o segmento de produtores de leite do Corede Nordeste, verificou-se que o produtor desta região está trabalhando na atividade há 15 anos, apresenta um grau de escolaridade baixo e o controle de manejo é exercido pelas esposas, inclusive o das receitas e despesas.

Contudo, deve-se salientar que os produtores priorizam a produção de animais em detrimento da produção de leite, a atividade administrativa é familiar, mantém registros escritos de forma manual e revelam uma dependência elevada de informações dos técnicos que vão à propriedade.

Considerando que a adoção de tecnologias de produção desempenha um papel importante nota-se a necessidade de melhoras na qualidade do rebanho através de algumas melhorias em trabalhos de inseminação, pratica sanitárias e manejo do rebanho.

Com relação ao preço do leite em geral percebe-se que não existe consenso sobre os critérios de remuneração seja por qualidade seja por volume e a relação dos produtores com o mercado mostra que é através das cooperativas e indústria da região. Verificou-se também que a escassez de leite para abastecimento do mercado interno e para exportação tem retardado a aplicação plena das normas sobre qualidade, o que tem permitido, até hoje, a utilização de tanques de imersão.

Na região existem problemas com energia elétrica pela falta de transformadores para aumentar a potência elétrica. Esse fato faz com que não funcionem as ordenhadeiras e em não poucos casos prejudica a qualidade do leite.

Quanto a produção verificou-se expressiva parcela de pequenos produtores produzindo pouco leite e inexpressiva parcela de grandes produtores produzem muito leite. Assim, o elevado número de pequenos produtores puxa, para baixo, a média da produção de leite do universo A produção de leite é considerada uma atividade de baixo risco, razão por que atrai

muitos produtores, mesmo que não seja considerado um negócio lucrativo pela maioria dos entrevistados.

Finalmente, na questão sobre o principal problema da produção de leite, além do preço do leite, é a falta de crédito rural com taxas de juros compatíveis com a atividade leiteira. Esse fato constitui-se um empecilho para acelerar ainda mais o desenvolvimento do setor.



## Referencia Bibliográfica

- FINAMORE, E. B. & MONTOYA, M. A. PIB, tributos, emprego, salários e saldo da balança comercial no agronegócio gaúcho. **Revista Ensaios FEE. Porto Alegre - RS.** Porto Alegre – RS, v24, n. 1, p. 93-126, 2003.
- FINAMORE, E. B. & MONTOYA, M. A. Estrutura produtiva da cadeia láctea gaúcha: perspectiva regional do Corede Nordeste. Passo Fundo – RS: Editora UPF. 2008, p.152.
- GOMES, S. T. **O agronegócio do leite.** Belo Horizonte: Ocemg, Senar, 2006.
- GOMES, S. T. **Diagnóstico da pecuária leiteira do estado de Minas Gerais em 2005:** Belo Horizonte: Ocemg, Senar, 2006.
- JANK, M. A. et al. Competitividade do sistema agroindustrial do leite. São Paulo: Cepea, USP, 2000.
- MONTOYA , M. A. & FINAMORE, E. B. Evolução do PIB do agronegócio brasileiro de 1959 a 1995: uma estimativa na ótica do valor adicionado. **Revista Teoria e Evidencia Econômica (UPF).** Passo Fundo – RS: UPF editora, v 9 , n. 16, p. 9-24, maio de 1991.
- MONTOYA, M. A. & GUILHOTO, J. J. M. O agronegócio brasileiro entre 1959 e 1995: dimensão econômica, mudança estrutural e tendências. In: Montoya, M. A., Parré, J. L. (Eds.) **O agronegócio brasileiro no final do século XX.** Passo Fundo – RS: Edupf, p. 3 – 32, 2000.
- MONTOYA, M. A. et. Al (Org.) **O agronegócio brasileiro e dos Estados da Região SUL: dimensão econômica e tendências estruturais.** Passo Fundo – RS: UPF editora, 2002, p.95.
- MONTOYA, M. A. et. al., O agronegócio nos estados da região sul no período de 1985 a 1995. **Revista Economia Aplicada (USP)**, v. 5, n. 1, p.99-127, jan./mar. 2001.
- RAMOS, R. L. O. Metodologia para o cálculo de coeficientes técnicos diretos em um modelo de insumo-produto. **Texto para discussão,** Rio de Janeiro. n. 83. IBGE, 1996, p.94.